

UMA HISTÓRIA DE ALTOS e BAIXOS

Foto: Arquivo



Quando criou a Orquestra em 1980, Claudio Santoro queria que Brasília tivesse uma das sinfônicas mais importantes do País

A orquestra do Teatro que hoje leva o nome de Claudio Santoro foi fundada em 1980, pela batuta do próprio maestro e compositor. Na época, o regente dirigia o Departamento de Música da Universidade de Brasília. Santoro formou a Orquestra a partir de um núcleo de professores do Departamento de Música e sonhava com que Brasília tivesse uma das sinfônicas mais importantes do país, inclusive com categoria internacional.

Um ano após sua criação, a Orquestra do Teatro Nacional já esquentava a temporada lírica e de concertos em Brasília. Nos anos 80 a Orquestra do Teatro Nacional viveu bons momentos, como os concertos na Concha Acústica, gratuitos e ao ar livre, que chegaram a reunir até dez mil pessoas. Um dos projetos do novo regente, Sílvio Barbato, é justamente recuperar essas apresentações. "Não tem sentido ficarmos trancados dentro do Teatro na estação da seca se podemos levar a Orquestra e a plateia pra perto do Lago e da natureza", conta.

Ao longo de quase duas décadas de atividades, a Orquestra teve momentos de brilho, como sua participação no Festival de Campos do Jordão ou quando se apresentou com músicos como o flautista francês Jean-Pierre Rampal e o pianista Arthur Moreira Lima. Além de Claudio Santoro, a Orquestra foi regida, entre convidados e titulares, por Isaac Karabtschewsky, Julio Medaglia, Gerard Kegelmann (Universidade de Heidelberg - Alemanha) e Emil Tabakov (Filarmônica da Bulgária).

No dia 29 de março de 89, há dez anos, a Orquestra perdeu seu fundador. Prestes a completar 70 anos, o compositor faleceu de um enfarto fulminante. No mesmo ano da morte de Santoro, o Senado Federal, através de projeto do senador Maurício Corrêa, promulgou a Lei que transformou o Teatro Nacional de Brasília em Teatro Nacional Claudio Santoro.

Recomeço - Nos últimos anos Orquestra viu-se imersa em uma crise. Diversas vezes os músicos procuraram a imprensa para criticar publicamente a colaboração com Herrera, de questões que iam da insatisfação com o repertório ao autoritarismo da maestrina. Eles chegaram até a assinar um abaixo-assinado pedindo a saída de Elena Herrera ao então governador Cristovam Buarque.

Passadas as turbulências, a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro começa o ano com outras expectativas. Entre os funcionários da OSTNCS é quase unanimidade que a entrada de Sílvio Barbato abriu perspectivas.

"O relacionamento humano e musical ficou mais tranquilo, logo melhorou o ambiente de trabalho", afirma o tubista André Lindolpho. "A Orquestra precisa ser mais divulgada. Quando o Sílvio era maestro isso acontecia e possuíamos um público bom. Ele possui bom trâmite", fala o trombonista Paulo Roberto da Silva. "Antes tínhamos um sistema preso ao passado. Barbato é jovem e empreendedor. Sabe olhar para o futuro", afirma Edson Araújo (viola e membro da Comissão de Representantes dos Músicos).

Salários - Os músicos tam-



Músicos da OSTN reclama do "sucateamento dos instrumentos"

Foto: Lincon Iff

Os projetos de Barbato para a OSTN

Uma programação especial com muitos convidados. Esse é o atrativo que o maestro Sílvio Barbato quer oferecer ao público brasileiro, para atrair mais gente para os concertos e recuperar o antigo prestígio da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro.

Para começar, uma das metas de Barbato é tocar composições do maestro Cláudio Santoro. O artista tão genial, figura importantíssima para Brasília, e que dá nome ao Teatro Nacional, por incrível que pareça, estava de fora do repertório da Orquestra. O primeiro concerto da Temporada 99, no dia 30 de

março, já traz uma peça de Santoro, *Ponteio*. No segundo concerto, Barbato promete a interpretação das *Interações assintóticas*. Em todos os concertos o maestro quer incluir pelo menos uma peça de Santoro.

No dia 22 de abril, dentro das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil, a Orquestra se apresenta junto com o maestro Jorge Antunes, mostrando a composição de sua autoria, *Cantata dos 10 povos*. Consta também na série de concertos, em julho, uma peça escrita pelo violonista Marco Pereira para violão, bândolim e orquestra, com partici-

pação de Hamilton de Hollanda, do grupo *Dois de Ouro*.

O *Duo Assad*, segundo informação de Barbato, faz sua única apresentação em 99 no Brasil junto com a Orquestra do Teatro Nacional, no dia 6 de abril, e Turibio Santos também confirmou presença em um evento. "As apresentações do *Duo Assad*, do Turibio e do Marco Pereira fazem parte de um projeto didático de mostrar três visões diferentes do instrumento do violão", explica Barbato.

Em meio a tantas promessas de bons concertos, Barbato anuncia um encontro musical

no mínimo polêmico. Ele prepara para o aniversário de Brasília uma apresentação da OSTN junto com, pasmem, as duplas sertanejas do show *Amigo* (Chitãozinho e Xororó, Leonardo, ...). O maestro não se constrange com a companhia de músicos de forte apelo comercial e valor artístico questionável. "Não podemos ter preconceitos com a cultura popular. Precisamos sim investigar seu elo com nossas raízes. No início do século o maxixe também escandalizava os intelectuais. Se eu pudesse faria até um 'Tchan Sinfônico', argumenta o maestro. (MA)

bém elogiaram uma das primeiras medidas tomadas pelo novo maestro: a contratação imediata de mais treze músicos. Até então, a Orquestra contava com 40 integrantes. Agora com 53 componentes, a Comissão dos Músicos ouviu do governador Joaquim Roriz a promessa de que até abril será realizado um concurso público para a ocupação de 35 vagas não preenchidas.

A maioria dos músicos da orquestra também não vê problemas no fato de o maestro Sílvio Barbato se dividir entre as orquestras do Teatro Municipal do Rio, e a do Teatro Nacional, de Brasília. "Isso é perfeitamente normal na vida de vários maestros. Se ele der a atenção merecida à nossa orquestra porque recriminá-lo?", pergunta Paulo Roberto da Silva. "Grandes maestros levam essa situação numa boa. O Karabtschewsky rege a Orquestra do Teatro Municipal de São Paulo e a Filarmônica de Viena", constata Kátia Pinheiro, Primeiro Violino da Orquestra.

Para Marcelo Ramos, regente assistente, é até bom que um maestro não permaneça em tempo integral com sua Orquestra. "Isso torna a relação mais arejada. O contato constante acaba causando um certo desgaste. No final, as pessoas já nem aguentam se olhar", disse Ramos. Já Edson Araújo acha que essa divisão entre orquestras pode atrapalhar até mais o regente do que a Orquestra. "Ele vai enfrentar um desgaste emocional e físico grande nessa vida de ponte aérea", explica.

O maestro Sílvio Barbato admite que o nível salarial dos músicos da orquestra ainda não é o ideal. Segundo informações da Secretaria de Cultura, o salário inicial do instrumentista é de 516 reais, porém a esse valor acrescentam-se mais 160% de gratificações e outros 50% por desempenhos de atividades. Com isso, o salário bruto inicial pode chegar a 2 mil reais. Seguindo o plano de carreira do Governo do Distrito Federal, funcionários com mais tempo de casa podem ganhar até 3.500 reais.

Na avaliação do violinista Cláudio Cohen, Spalla da Orquestra, em comparação com outras orquestras do país, esse é um bom padrão salarial. Muitos dos músicos também possuem outras atividades fora da orquestra, que vão desde tocar em recepções e casamentos até carreiras solo ou em grupo. Cohen, por exemplo, é professor da UnB e toca com o *Quarteto de Brasília*.

Com as melhores expectativas, a Orquestra ainda enfrenta problemas, que demandam soluções do novo titular. Um dos principais, segundo os músicos, é o sucateamento de instrumentos, cadeiras estantes e demais materiais de trabalho. "Um bom violino custa em torno de uns sete mil dólares e um arco dois mil", afirma a violinista Kátia Pinheiro.

Sílvio Barbato afirmou que seu plano para enfrentar esse problema será buscar apoio para a Orquestra em setores da iniciativa privada: "Há muitos anos conseguimos renovar nosso material com ajuda da IBM. Vou procurar essas instituições e tentar trazê-las para o nosso trabalho.

MARCELO ARAÚJO

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA